

Parte I

Considerações Preliminares

- 1 Seleção de um Projeto de Pesquisa**
- 2 Revisão da Literatura**
- 3 Uso da Teoria**
- 4 Estratégias de Redação e Considerações Éticas**

Este livro destina-se a auxiliar os pesquisadores a desenvolver um plano ou uma proposta para um estudo de pesquisa. A Parte I aborda diversas considerações preliminares necessárias antes de elaborar uma proposta ou um projeto de estudo. Essas considerações estão relacionadas à seleção de um projeto de pesquisa apropriado, à revisão da literatura para posicionar o estudo proposto dentro da literatura existente, à seleção de uma teoria no estudo e ao emprego, desde o início, de uma boa redação e de práticas éticas.

1

Seleção de um Projeto de Pesquisa

Os projetos de pesquisa são os planos e os procedimentos para a pesquisa que abrangem as decisões desde suposições amplas até métodos detalhados de coleta e de análise dos dados. Esse plano envolve várias decisões, os quais não precisam ser tomadas na ordem em que fazem sentido para mim e na ordem de sua apresentação aqui. A decisão geral envolve qual projeto deve ser utilizado para se estudar um tópico. A informação dessa decisão deveria refletir as concepções que o pesquisador traz para o estudo, os procedimentos da investigação (chamados de estratégias) e os métodos específicos de coleta e de análise e interpretação dos dados. A seleção de um projeto de pesquisa é também baseada na natureza do problema ou na questão de pesquisa que está sendo tratada, nas experiências pessoais dos pesquisadores e no público ao qual o estudo se dirige.

OS TRÊS TIPOS DE PROJETOS

Neste livro, são apresentados três tipos de projetos: qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Sem dúvida, as três abordagens não são tão distintas quanto parecem inicialmente. As abordagens qualitativa e quantitativa não devem ser encaradas como extremos opostos ou dicotomias, pois, em vez disso, representam fins diferentes em um contínuo (Newman e Benz, 1998). Um estudo *tende* a ser mais qualitativo do que quantitativo, ou vice-versa. A pesquisa de métodos mistos reside no

meio deste contínuo porque incorpora elementos das duas abordagens, qualitativa e quantitativa.

Com frequência a distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa é estruturada em termos do uso de palavras (qualitativa) em vez de números (quantitativa), ou do uso de questões fechadas (hipóteses quantitativas) em vez de questões abertas (questões de entrevista qualitativa). Uma maneira mais completa de encarar as gradações das diferenças entre elas está nas suposições filosóficas básicas que os pesquisadores levam para o estudo, nos tipos de estratégias de pesquisa utilizados em toda a pesquisa (p. ex., experimentos quantitativos ou estudos de caso qualitativos) e nos métodos específicos empregados na condução destas estratégias (p. ex., coleta quantitativa dos dados em instrumentos *versus* coleta de dados qualitativos através da observação de um ambiente). Além disso, as duas abordagens têm uma evolução histórica, com as abordagens quantitativas dominando as formas de pesquisa nas ciências sociais desde o final do século XIX até meados do século XX. Durante a segunda metade do século XX, o interesse na pesquisa qualitativa aumentou e, junto com ele, o desenvolvimento da pesquisa de métodos mistos (ver Creswell, 2008, para mais informações sobre essa história). Com esse pano de fundo, convém observarmos as definições desses três termos fundamentais, conforme utilizados neste livro:

- A **pesquisa qualitativa** é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apóiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (adaptado de Creswell, 2007).

- A **pesquisa quantitativa** é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis. Tais variáveis, por sua vez, podem ser medidas tipicamente por instrumentos, para que os dados numéricos possam ser analisados por procedimentos estatísticos. O relatório final escrito tem uma estrutura fixa, a qual consiste em introdução, literatura e teoria, métodos, resultados e discussão (Creswell, 2008). Como os pesquisadores qualitativos, aqueles que se engajam nessa forma de investigação têm su-

posições sobre a testagem dedutiva das teorias, sobre a criação de proteções contra vieses, sobre o controle de explicações alternativas e sobre sua capacidade para generalizar e para replicar os achados.

- A **pesquisa de métodos mistos** é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada (Creswell e Plano Clark, 2007).

Essas definições têm consideráveis informações em cada uma delas. Ao longo de todo o livro, discuto as partes das definições para que seus significados fiquem claros.

OS TRÊS COMPONENTES ENVOLVIDOS EM UM PROJETO

Dois importantes componentes em cada definição são que a abordagem da pesquisa envolve suposições filosóficas e também métodos ou procedimentos distintos. O **projeto de pesquisa**, a que me refiro como *o plano* ou *proposta para conduzir a pesquisa*, envolve a intersecção de filosofia, de estratégias de investigação e de métodos específicos. Uma estrutura que utilizo para explicar a interação desses três componentes pode ser vista na Figura 1.1. Para reiterar, no planejamento de um estudo, os pesquisadores precisam pensar por meio das suposições da concepção filosófica que eles trazem ao estudo, da estratégia da investigação que está relacionada a essa concepção e dos métodos ou procedimentos de pesquisa específicos que transformam a abordagem em prática.

Concepções filosóficas

Embora as concepções filosóficas permaneçam em grande parte ocultas na pesquisa (Slife e Williams, 1995), ainda assim influenciam sua prática e precisam ser identificadas. Sugiro que os indivíduos que preparam uma proposta ou plano de pesquisa explicitem as ideias filosóficas mais abrangentes que adotam. Essa informação ajudará a explicar o motivo

pelo qual escolheram a abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos para sua pesquisa. Ao escrever sobre as concepções, uma proposta pode incluir uma seção que trate do seguinte:

- A concepção filosófica proposta no estudo
- Uma definição das considerações básicas dessa concepção
- Como a concepção moldou sua abordagem da pesquisa

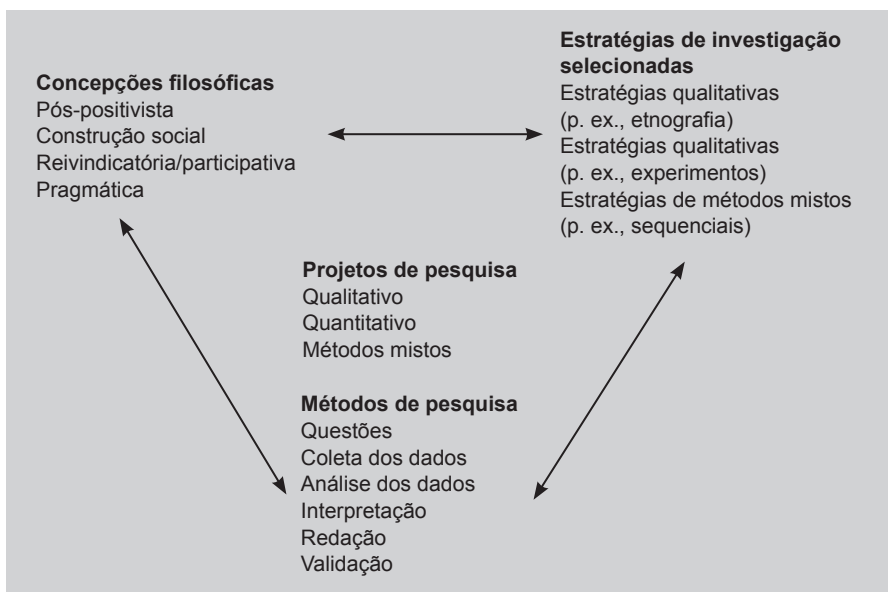


Figura 1.1 Uma estrutura para o projeto – a interconexão das concepções, estratégias da investigação e métodos de pesquisa.

Optei por usar o termo **concepção** significando “um conjunto de crenças básicas que guiam a ação” (Guba, 1990, p. 17). Outros têm chamado as concepções de *paradigmas* (Lincoln e Guba, 2000; Mertens, 1999); *epistemologias* e *ontologias* (Crotty, 1998) ou de *metodologias de pesquisa amplamente concebidas* (Neuman, 2000). Encaro as concepções como uma orientação geral sobre o mundo e sobre a natureza da pesquisa defendidas por um pesquisador. Tais concepções são moldadas pela área da disciplina do aluno, pelas crenças dos orientadores e dos professores em uma área do aluno e pelas experiências que tiveram em pesquisa. Os tipos de crenças abraçadas pelos pesquisadores individuais com frequência os conduzirão a adotar em sua pesquisa uma abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos. Quatro concepções diferentes são discutidas: pós-positivista,

construtivista, reivindicatória/participatória e pragmática. Os principais elementos de cada posição estão apresentados no Quadro 1.1.

Quadro 1.1 Quatro concepções

Pós-positivista	Construtivista
<ul style="list-style-type: none"> • Determinação • Reduccionismo • Observação e mensuração empíricas • Verificação da teoria 	<ul style="list-style-type: none"> • Entendimento • Significados múltiplos do participante • Construção social e histórica • Geração de teoria
Reivindicatória/Participatória	Pragmatista
<ul style="list-style-type: none"> • Política • Capacitação orientada para a questão • Colaborativa • Orientada para a mudança 	<ul style="list-style-type: none"> • Consequências das ações • Centrada no problema • Pluralista • Orientada para a prática no mundo real

A concepção pós-positivista

As suposições pós-positivistas têm representado a forma tradicional da pesquisa, e são mais válidas para a pesquisa quantitativa do que para a qualitativa. Às vezes é chamada de *método científico* ou da realização de *pesquisa na ciência*. É também chamada de *pesquisa positivista/pós-positivista*, de *ciência empírica* e de *pós-positivismo*. Este último termo é chamado pós-positivismo porque representa o pensamento posterior ao positivismo, que desafia a noção tradicional da verdade absoluta do conhecimento (Phillips e Burbules, 2000) e reconhece que não podemos ser “positivos” sobre nossas declarações de conhecimento quando estudamos o comportamento e as ações de seres humanos. A tradição pós-positivista vem dos escritores do século XIX, como Comte, Mill, Durkheim, Newton e Locke (Smith, 1983), e tem sido mais recentemente articulada por escritores como Phillips e Burbules (2000).

Os **pós-positivistas** defendem uma filosofia determinística, na qual as causas provavelmente determinam os efeitos ou os resultados. Assim, os problemas estudados pelos pós-positivistas refletem a necessidade de identificar e de avaliar as causas que influenciam os resultados, como aquelas encontradas nos experimentos. É também reducionista, pois a intenção é reduzir as ideias a um conjunto pequeno e distinto a serem testadas, como as variáveis que compreendem as hipóteses e as questões de pesquisa. O conhecimento que se desenvolve por meio de um enfoque

positivista é baseado em uma observação e mensuração atenta da realidade objetiva que está no mundo “lá fora”. Desse modo, o desenvolvimento de medidas numéricas de observações e o estudo do comportamento dos indivíduos tornam-se fundamentais para um positivista. Por fim, há leis ou teorias que governam o mundo, e elas precisam ser testadas ou verificadas e refinadas, para que possamos compreender o mundo. Assim, no método científico, a abordagem da pesquisa aceita pelos pós-positivistas, um indivíduo inicia com uma teoria, coleta os dados que a apoiam ou refutam, e depois faz as revisões necessárias antes de realizar testes adicionais.

Lendo Phillips e Burbules (2000), você pode adquirir uma percepção das suposições fundamentais dessa posição, como, por exemplo:

1. O conhecimento é conjectural (e antifundacional) – a verdade absoluta nunca pode ser encontrada. Assim, a evidência estabelecida na pesquisa é sempre imperfeita e falível. Por esta razão, os pesquisadores afirmam que não provam uma hipótese, mas indicam uma falha para rejeitar a hipótese.

2. A pesquisa é o processo de fazer declarações e depois refiná-las ou abandonar algumas delas em prol de outras declarações mais solidamente justificadas. A maior parte das pesquisas quantitativas, por exemplo, inicia com o teste de uma teoria.

3. Os dados, as evidências e as considerações racionais moldam o conhecimento. Na prática, o pesquisador coleta informações sobre os instrumentos baseadas em avaliações preenchidas pelos participantes ou em observações registradas pelo pesquisador.

4. A pesquisa procura desenvolver declarações relevantes e verdadeiras, as quais servem para explicar a situação de interesse ou que descrevam as relações causais de interesse. Nos estudos quantitativos, os pesquisadores sugerem a relação entre as variáveis e a apresentam em termos de questões ou de hipóteses.

5. Ser objetivo é um aspecto essencial da investigação competente; os pesquisadores precisam examinar os métodos e as conclusões para evitar vieses. Por exemplo, o padrão de validade e a confiabilidade são importantes na pesquisa quantitativa.

A concepção construtivista social

Outros adotam uma concepção diferente. O construtivismo social (com frequência associado ao interpretivismo: ver Mertens, 1998) é uma perspectiva desse tipo, e é tipicamente encarado como uma abordagem da

pesquisa qualitativa. As ideias provêm de Mannheim e de obras como *The Social Construction of Reality*, de Berger e Luekmann (1967) e de *Naturalistic Inquiry*, de Guba (1985). Os escritores mais recentes que têm resumido essa posição são Lincoln e Guba (2000), Schwandt (2007), Neuman (2000) e Crotty (1998). Os **construtivistas sociais** defendem suposições de que os indivíduos procuram entender o mundo em que vivem e trabalham. Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas. Tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias. O objetivo da pesquisa é confiar o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação a qual está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, para que os participantes possam construir o significado de uma situação caracteristicamente baseada em discussões ou interações com outras pessoas. Quanto mais aberto o questionamento, melhor, enquanto o pesquisador ouve atentamente o que as pessoas dizem e fazem nos ambientes em que vivem. Com frequência, esses significados subjetivos são negociados social e historicamente. Eles não estão simplesmente estampados nos indivíduos, mas são formados pela interação com as outras pessoas (daí o construtivismo social) e por normas históricas e culturais as quais operam nas vidas dos indivíduos. Por isso, os pesquisadores construtivistas frequentemente tratam dos processos de interação entre os indivíduos. Também se concentram nos contextos específicos em que as pessoas vivem e trabalham, para entender os ambientes históricos e culturais dos participantes. Os pesquisadores reconhecem que suas próprias origens moldam sua interpretação e se posicionam na pesquisa para reconhecer como sua interpretação flui de suas experiências pessoais, culturais e históricas. A intenção do pesquisador é extrair sentido dos (ou interpretar) significados que os outros atribuem ao mundo. Em vez de começar com uma teoria (como no pós-positivismo), os investigadores geram ou indutivamente desenvolvem uma teoria ou um padrão de significado.

Por exemplo, ao discutir o construtivismo, Crotty (1998) identificou várias suposições:

1. Os significados são construídos pelos seres humanos quando eles se engajam no mundo que estão interpretando. Os pesquisadores qualitativos tendem a utilizar questões abertas para que os participantes possam compartilhar suas opiniões.

2. Os seres humanos se engajam em seu mundo e extraem sentido dele baseados em suas perspectivas históricas e sociais, pois todos nós

nascemos em um mundo de significado que nos é conferido por nossa cultura. Assim, os pesquisadores qualitativos procuram entender o contexto ou o cenário dos participantes, visitando tal contexto e reunindo informações pessoalmente. Também interpretam o que encontram, uma interpretação moldada pelas próprias experiências e origens do pesquisador.

3. A geração básica de significado é sempre social, surgindo dentro e fora da interação com uma comunidade humana. O processo da pesquisa qualitativa é principalmente indutivo, com o investigador gerando significado a partir dos dados coletados no campo.

A concepção reivindicatória e participatória

Outro grupo de pesquisadores abraça as suposições filosóficas da abordagem reivindicatória/participatória. Essa posição surgiu durante as décadas de 1980 e 1990, a partir de indivíduos que acreditavam que as suposições pós-positivistas impunham leis e teorias estruturais que não se ajustavam aos indivíduos de nossa sociedade ou às questões de justiça social que precisavam ser abordadas. Essa concepção é tipicamente encontrada na pesquisa qualitativa, mas pode servir como base também para a pesquisa quantitativa. Historicamente, alguns dos escritores que adotam a concepção reivindicatória/participatória (ou emancipatória) têm se baseado nas obras de Marx, Adorno, Marcuse, Habermas e Freire (Neuman, 2000). Fay (1987), Heron e Reason (1997) e Kemmis e Wilkinson (1998) são escritores mais recentes que estudam essa perspectiva. Esses investigadores acreditam, principalmente, que a posição construtivista não foi longe o bastante na defesa de uma agenda de ação para ajudar as pessoas marginalizadas. Uma **concepção reivindicatória/participatória** defende que a investigação da pesquisa precisa estar interligada à política e à uma agenda política. Por isso, a pesquisa contém uma agenda de ação para a reforma que pode mudar as vidas dos participantes, as instituições nas quais os indivíduos trabalham ou vivem e a vida do pesquisador. Além disso, precisa-se tratar de questões específicas, relacionadas a importantes questões sociais atuais, como capacitação, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação. O pesquisador com frequência começa com uma dessas questões como o ponto focal do estudo. Essa pesquisa também assume que o investigador vai proceder colaborativamente, de modo a não marginalizar ainda mais os participantes como um resultado da investigação. Nesse sentido, os participantes podem ajudar a planejar as questões, a coletar os dados, a analisar as informações ou a colher as recom-

pensas da pesquisa. A pesquisa reivindicatória proporciona uma voz a esses participantes, elevando sua consciência ou sugerindo uma agenda de mudança para melhorar suas vidas. Torna-se uma voz unida para a reforma e a mudança.

Essa concepção filosófica se concentra nas necessidades dos grupos e dos indivíduos em nossa sociedade os quais possam estar marginalizados ou privados de privilégios. Por isso, as perspectivas teóricas podem estar integradas às suposições filosóficas que constroem um quadro das questões que estão sendo examinadas, as pessoas a serem estudadas e as mudanças são necessárias, como perspectivas feministas, discursos racializados, teoria crítica, teoria *queer*^{*}, teoria da homossexualidade e teoria da incapacidade – enfoques teóricos que serão discutidos detalhadamente no Capítulo 3.

Embora esses sejam grupos diferentes e minhas explicações aqui sejam generalizações, cabe examinar o resumo de Kemmis e Wilkinson (1998) sobre os principais aspectos das formas defensivas ou participativas de investigação:

1. A ação participativa é recursiva ou dialética e se concentra em produzir mudança nas práticas. Assim, no final dos estudos defensivos/participativos, os pesquisadores sugerem uma agenda de ação para a mudança.

2. Essa forma de investigação está concentrada em ajudar os indivíduos a se libertarem das restrições encontradas nos meios de comunicação, na linguagem, nos procedimentos de trabalho e nas relações de poder nos cenários educacionais. Os estudos defensivos/participativos com frequência se iniciam com uma questão ou uma posição importante sobre os problemas da sociedade, como a necessidade de capacitação.

3. Ela é emancipatória, no sentido de que ajuda as pessoas a se libertarem das restrições das estruturas irracionais e injustas que limitam o autodesenvolvimento e a autodeterminação. Os estudos defensivos/participativos têm como objetivo criar um debate e uma discussão políticos para que a mudança possa ocorrer.

4. É prática e colaborativa, porque é uma investigação realizada *com* outras pessoas, em vez de *sobre* ou *para* outras pessoas. Nesse espírito,

* N. de T. A teoria *queer* é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

os autores reivindicatórios/participatórios engajam os participantes como colaboradores ativos em suas investigações.

A concepção pragmática

Outra posição sobre as concepções vem dos pragmáticos. O pragmatismo deriva das obras de Peirce, James, Mead e Dewey (Cherryholmes, 1992). Escritores recentes incluem Rorty (1990), Murphy (1990), Patton (1990) e Cherryholmes (1992). Essa filosofia tem muitas formas, mas, para muitos, o **pragmatismo** enquanto concepção surge mais das ações, das situações e das consequências do que das condições antecedentes (como no pós-positivismo). Há uma preocupação com as aplicações, o que funciona, e as soluções para os problemas (Patton, 1990). Em vez de se concentrarem nos métodos, os pesquisadores enfatizam o problema da pesquisa e utilizam todas as abordagens disponíveis para entender o problema (ver Rossman e Wilson, 1985). Como uma base filosófica para os estudos de métodos mistos, Tashakkori e Teddlie (1998), Morgan (2007) e Patton (1990) comunicam sua importância por concentrar a atenção no problema de pesquisa na pesquisa das ciências sociais e utilizam abordagens pluralísticas para derivar conhecimento sobre o problema. Usando as concepções de Cherryholmes (1992), Morgan (2007), e as minhas próprias, o pragmatismo proporciona uma base filosófica para a pesquisa:

- O pragmatismo não está comprometido com nenhum sistema de filosofia e de realidade. Isso se aplica à pesquisa de métodos mistos, em que os investigadores se baseiam abundantemente tanto nas suposições quantitativas quanto nas qualitativas quando se envolvem em sua pesquisa.
- Os pesquisadores individuais têm uma liberdade de escolha. Desta maneira, os pesquisadores são livres para escolher os métodos, as técnicas e os procedimentos de pesquisa que melhor se ajustem a suas necessidades e propósitos.
- Os pragmáticos não veem o mundo como uma unidade absoluta. De maneira semelhante, os pesquisadores que utilizam métodos mistos buscam muitas abordagens para coletar e analisar os dados, em vez de se aterem a apenas uma maneira (p. ex., quantitativa ou qualitativa).
- A verdade é o que funciona no momento. Não se baseia em uma dualidade entre a realidade independente da mente ou inserida na mente. Assim, na pesquisa de métodos mistos, os investigado-

res usam tanto dados quantitativos, quanto qualitativos, porque eles intentam proporcionar o melhor entendimento de um problema de pesquisa.

- Os pesquisadores pragmáticos olham para o *que* e *como* pesquisar, baseados nas consequências pretendidas, ou seja, aonde eles querem chegar com ela. Os pesquisadores de métodos mistos precisam, antes de tudo, estabelecer um propósito para sua combinação, uma base lógica para as razões pelas quais os dados quantitativos e qualitativos precisam ser combinados.
- Os pragmáticos concordam que a pesquisa sempre ocorre em contextos sociais, históricos e políticos, entre outros. Dessa maneira, os estudos de métodos mistos podem incluir uma feição pós-moderna, um enfoque teórico o qual reflita objetivos de justiça social e objetivos políticos.
- Os pragmáticos acreditam em um mundo externo independente da mente, assim como daquele alojado na mente. No entanto, acreditam que precisamos parar de formular questões sobre a realidade e as leis da natureza (Cherryholmes, 1992). “Eles simplesmente gostariam de mudar o tema” (Rorty, 1983, p. xiv).
- Por isso, para o pesquisador de métodos mistos, o pragmatismo abre a porta para múltiplos métodos, diferentes concepções e diferentes suposições, assim como para diferentes formas de coleta e análise dos dados.

Estratégias da investigação

O pesquisador não apenas seleciona um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos para conduzir, também decide sobre um tipo de estudo dentro destas três escolhas. As **estratégias da investigação** são os tipos de projetos ou modelos de métodos qualitativos, quantitativos e mistos que proporcionam uma direção específica aos procedimentos em um projeto de pesquisa. Outros as têm chamado de *abordagens da investigação* (Creswell, 2007) ou de *metodologias da pesquisa* (Mertens, 1998). As estratégias disponíveis ao pesquisador aumentaram no correr dos anos, à medida que a tecnologia da computação impulsionou nossa análise dos dados e a capacidade para analisar modelos complexos e que os indivíduos articularam novos procedimentos para conduzir a pesquisa nas ciências sociais. A escolha dos tipos será enfatizada nos Capítulos 8, 9 e 10, estra-

tégias frequentemente utilizado nas ciências sociais. Introduzo aqui aquelas que serão discutidas mais adiante e que são citadas em exemplos em todo o livro. Uma visão geral dessas estratégias está mostrada no Quadro 1.2.

Quadro 1.2 Estratégias alternativas da investigação

Quantitativa	Qualitativa	Métodos mistos
<ul style="list-style-type: none"> • Projetos experimentais • Projetos não experimentais, como os levantamentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa narrativa • Fenomenologia • Etnografias • Estudos de teoria fundamentada • Estudo de caso 	<ul style="list-style-type: none"> • Sequencial • Concomitante • Transformativa

Estratégias quantitativas

Durante o final do século XIX e todo o século XX, as estratégias da investigação associadas à pesquisa quantitativa eram as que invocavam a concepção pós-positivista. Estas incluíam experimentos reais e os experimentos menos rigorosos, chamados de *quase-experimentos* e de *estudos correlacionais* (Campbell e Stanley, 1963), além de experimentos específicos de tema único (Cooper, Heron e Heward, 1987; Neuman e McCormick, 1995). Mais recentemente, as estratégias quantitativas têm envolvido experimentos complexos, com muitas variáveis e tratamentos (p. ex., projetos fatoriais e projetos de medição repetida). Elas também têm incluído modelos de equação estrutural elaborados que incorporam caminhos causais e a identificação da “força” coletiva de múltiplas variáveis. Neste livro, concentro-me em duas estratégias de investigação: levantamentos e experimentos.

- A **pesquisa de levantamento** proporciona uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, de atitudes ou de opiniões de uma população, estudando uma amostra dessa população. Inclui estudos transversais e longitudinais, utilizando questionários ou entrevistas estruturadas para a coleta de dados, com a intenção de generalizar a partir de uma amostra para uma população (Babbie, 1990).

- A **pesquisa experimental** busca determinar se um tratamento específico influencia um resultado. Esse impacto é avaliado proporcionando-se um tratamento específico a um grupo e o negando a outro, e depois determinando como os dois grupos pontuaram em um resultado. Os experimentos incluem os experimentos verdadeiros, com a designação aleatória dos indivíduos às condições de tratamento, e os quase-expe-

rimentos, os quais utilizam projetos não aleatórios (Keppel, 1991). Dentro dos quase-experimentos estão incluídos os projetos de tema único.

Estratégias qualitativas

Na pesquisa qualitativa, os números e os tipos de abordagens também se tornaram mais claramente visíveis durante a década de 1990 e o início do século XXI. Os livros têm resumido os vários tipos (como as 19 estratégias identificadas por Wolcott, 2001), e atualmente estão disponíveis procedimentos completos sobre abordagens específicas de investigação qualitativa. Por exemplo, Clandinin e Connelly (2000) construíram um quadro sobre o que fazem os pesquisadores narrativos, Moustakas (1994) discutiu as doutrinas filosóficas e os procedimentos do método fenomenológico, e Strauss e Corbin (1990, 1998) identificaram os procedimentos da teoria fundamentada. Wolcott (1999) resumiu os procedimentos etnográficos, e Stake (1995) sugeriu processos envolvidos na pesquisa de estudo de caso. Neste livro, os exemplos são baseados nas estratégias que se seguem, reconhecendo que abordagens como a pesquisa de ação participativa (Kemmis e Wilkinson, 1998), a análise do discurso (Cheek, 2004) e outras não mencionadas (ver Creswell, 2007b) são também maneiras viáveis para a condução de estudos qualitativos.

• **Etnografia** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um cenário natural durante um período de tempo prolongado, coletando principalmente dados observacionais e de entrevistas (Creswell, 2007b). O processo de pesquisa é flexível e se desenvolve, tipicamente, de maneira contextual em resposta às realidades vividas encontradas no ambiente de campo (LeCompte e Schensul, 1999).

• **Teoria fundamentada*** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador deriva uma teoria geral, abstrata, de um processo, ação ou interação fundamentada nos pontos de vista dos participantes. Esse processo envolve o uso de muitos estágios da coleta de dados e o refinamento e a inter-relação das categorias de informação (Charmaz, 2006; Strauss e Corbin, 1990, 1998). Duas características principais deste modelo são a constante comparação dos dados com as categorias emergentes e a amostragem teórica de diferentes grupos para maximizar as semelhanças e diferenças entre as informações.

* N. de R. Para detalhes ver: CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

• **Estudos de caso** são uma estratégia de investigação em que o pesquisador explora profundamente um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos. Os casos são relacionados pelo tempo e pela atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas usando vários procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado (Stake, 1995).

• **Pesquisa fenomenológica** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes. O entendimento das experiências vividas distingue a fenomenologia como uma filosofia e também como um método, e o procedimento envolve o estudo de um pequeno número de indivíduos por meio de um engajamento extensivo e prolongado para desenvolver padrões e relações significativas (Moustakas, 1994). Nesse processo, o pesquisador inclui ou põe de lado suas próprias experiências para entender aquelas dos participantes do estudo (Nieswiadomy, 1993).

• **Pesquisa narrativa** é uma estratégia de investigação na qual o pesquisador estuda as vidas dos indivíduos e pede a um ou mais indivíduos para contar histórias sobre suas vidas. Essas informações são, com frequência, recontadas ou re-historiadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa. No fim, a narrativa combina visões da vida do participante com aquelas da vida do pesquisador em uma narrativa colaborativa (Clandinin e Connelly, 2000).

Estratégias de métodos mistos

As estratégias de métodos mistos não são tão conhecidas quanto as abordagens quantitativas ou qualitativas. O conceito de misturar diferentes métodos originou-se em 1959, quando Campbell e Fisk utilizaram múltiplos métodos para estudar a validade de traços psicológicos. Eles encorajaram outros a empregar sua matriz de múltiplos métodos para examinar múltiplas abordagens à coleta de dados. Isso estimulou outros a combinarem os métodos, e logo abordagens associadas aos métodos de campo, como observações e entrevistas (dados qualitativos), foram combinadas aos levantamentos tradicionais (dados quantitativos; Sieber, 1973). Reconhecendo que todos os métodos têm limitações, os pesquisadores acharam que os vieses inerentes a qualquer método específico poderiam neutralizar ou cancelar os vieses de outros métodos. Nascia assim a triangulação das fontes de dados, um meio para a busca de convergência entre os méto-

dos qualitativos e quantitativos (Jick, 1979). No início da década de 1990, a ideia da combinação evoluiu da busca da convergência para a real integração, ou conexão, dos dados quantitativos e qualitativos. Por exemplo, os resultados de um método podem ajudar a identificar os participantes a serem estudados ou as perguntas a serem feitas pelo outro método (Tashakkori e Teddlie, 1998). Como alternativa, os dados qualitativos e quantitativos podem ser unidos em um grande banco de dados ou os resultados usados lado a lado para reforçar um ao outro (p. ex., citações qualitativas corroboram resultados estatísticos; Creswell e Plano Clark, 2007). Ou os métodos podem servir a um propósito maior, transformativo, para defender grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas/raciais, membros das comunidades gays e lésbicas, pessoas portadoras de deficiências e pobres (Mertens, 2003).

Essas razões para combinar os métodos levaram os escritores do mundo todo a desenvolver procedimentos para estratégias de investigação de métodos mistos, o que trouxe os numerosos termos encontrados na literatura, tais como *multimétodos*, de *convergência*, *integrados* e *combinados* (Creswell e Plano Clark, 2007), e a moldar procedimentos para a pesquisa (Tashakkori e Teddlie, 2003).

Em particular, três estratégias gerais e umas tantas variações dentro delas estão ilustradas neste livro:

- Procedimentos de **métodos mistos sequenciais** são aqueles em que o pesquisador procura elaborar ou expandir os achados de um método com os de outro método. Isso pode envolver iniciar com uma entrevista qualitativa para propósitos exploratórios e prosseguir com um método quantitativo, de levantamento com uma amostra ampla, para que o pesquisador possa generalizar os resultados para uma população. Como alternativa, o estudo pode iniciar com um método quantitativo, no qual uma teoria ou conceito é testado, seguido por um método qualitativo que envolva uma exploração detalhada de alguns casos ou indivíduos.

- Procedimentos de **métodos mistos concomitantes** são aqueles em que o pesquisador converge ou mistura dados quantitativos e qualitativos para realizar uma análise abrangente do problema da pesquisa. Nesse modelo, o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo e depois integra as informações na interpretação dos resultados gerais. Além disso, nesse modelo, o pesquisador pode incorporar uma forma menor de dados com outra coleta de dados maior para analisar diferentes tipos de questões (o qualitativo é responsável pelo processo enquanto o quantitativo é responsável pelos resultados).

• Procedimentos de **métodos mistos transformativos** são aqueles em que o pesquisador utiliza um enfoque teórico (ver Capítulo 3) como uma perspectiva ampla em um projeto que contém tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Esse enfoque proporciona uma estrutura para tópicos de interesse, métodos para coleta de dados e para os resultados ou mudanças previstos pelo estudo. Dentro desse enfoque pode haver um método de coleta de dados que envolva uma abordagem sequencial ou concomitante.

Métodos de pesquisa

O terceiro elemento importante da estrutura são os **métodos de pesquisa** específicos que envolvem as formas de coleta, análise e interpretação dos dados que os pesquisadores propõem para seus estudos. Como mostra o Quadro 1.3, convém considerar toda a série de possibilidades da coleta de dados e organizar esses métodos, por exemplo, por seu grau de natureza predeterminada, seu uso de questionamento fechado *versus* aberto e seu enfoque na análise de dados numéricos *versus* dados não numéricos. Esses métodos serão mais desenvolvidos nos Capítulos 8 a 10.

Quadro 1.3 Métodos quantitativos, mistos e qualitativos

Métodos quantitativos	→ Métodos mistos ←	Métodos qualitativos
<ul style="list-style-type: none"> • Predeterminado • Questões baseadas no instrumento • Dados de desempenho, dados de atitudes, dados observacionais e dados de censo • Análise estatística • Interpretação estatística 	<ul style="list-style-type: none"> • Tanto métodos predeterminados quanto emergentes • Tanto questões abertas quanto fechadas • Formas múltiplas de dados baseados em todas as possibilidades • Análise estatística e de texto • Por meio da interpretação dos bancos de dados 	<ul style="list-style-type: none"> • Métodos emergentes • Perguntas abertas • Dados de entrevistas, dados de observação, dados de documentos e dados audiovisuais • Análise de texto e imagem • Interpretação de temas e de padrões

Os pesquisadores coletam dados sobre um instrumento ou teste (p. ex., um conjunto de questões sobre atitudes com relação à autoestima) ou reúnem informações sobre uma lista de controle comportamental (p. ex., observação de um trabalhador engajado em uma habilidade complexa). Na outra extremidade do contínuo, a coleta de dados pode envol-

ver visitar um local de pesquisa e observar o comportamento dos indivíduos sem questões predeterminadas ou conduzir uma entrevista em que seja permitido ao indivíduo falar abertamente sobre um tópico, em grande parte sem o uso de perguntas específicas. A escolha dos métodos vai depender de a intenção ser especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou permitir que ela surja dos participantes do projeto. Além disso, o tipo de dados analisados pode ser informações numéricas reunidas em escalas de instrumentos ou informações de texto registrando e relatando a voz dos participantes. Os pesquisadores fazem interpretações dos resultados estatísticos ou interpretam os temas ou os padrões que emergem dos dados. Em algumas formas de pesquisa, são coletados, analisados e interpretados tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Os dados coletados por instrumento podem ser ampliados com observações abertas, ou os dados de censo podem ser acompanhados de entrevistas exploratórias detalhadas. Nesse caso dos métodos mistos, o pesquisador faz inferências tanto sobre os bancos de dados quantitativos quanto sobre os bancos de dados qualitativos.

OS PROJETOS DE PESQUISA - CONCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E MÉTODOS

As concepções, as estratégias e os métodos, todos contribuem para um projeto de pesquisa que *tende* a ser quantitativo, qualitativo ou misto. O Quadro 1.4 cria distinções que podem ser úteis na escolha de uma abordagem. Essa tabela também inclui práticas de todas as três abordagens que estão enfatizadas nos capítulos restantes deste livro.

Os cenários típicos da pesquisa podem ilustrar como esses três elementos são combinados em um projeto de pesquisa.

- Abordagem *quantitativa* – Concepção pós-positivista, estratégia de investigação experimental e avaliações pré e pós-teste das atitudes

Nesse cenário, o pesquisador testa uma teoria especificando hipóteses estritas e a coleta de dados para corroborar ou para refutar as hipóteses. É utilizado um projeto experimental em que as atitudes são avaliadas tanto antes quanto depois de um tratamento experimental. Os dados são coletados em um instrumento que mede atitudes, e as informações são analisadas por meio procedimentos estatísticos e da testagem de hipóteses.

Quadro 1.4 Abordagens qualitativas, quantitativas e de métodos mistos

Tende a ou tipicamente ...	Abordagens qualitativas	Abordagens quantitativas	Abordagens de métodos mistos
<ul style="list-style-type: none"> • Usa essas suposições filosóficas 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento construtivistas/reivindicatórias/participatórias 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento pós-positivistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento pragmáticas
<ul style="list-style-type: none"> • Emprega essas estratégias de investigação 	<ul style="list-style-type: none"> • Fenomenologia, teoria fundamentada, etnografia, estudo de caso e narrativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamentos e experimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Sequenciais, concomitantes e transformativas
<ul style="list-style-type: none"> • Emprega esses métodos 	<ul style="list-style-type: none"> • Questões abertas, abordagens emergentes, dados de texto ou imagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Questões fechadas, abordagens predeterminadas, dados numéricos 	<ul style="list-style-type: none"> • Tanto questões abertas quanto fechadas, tanto abordagens emergentes quanto predeterminadas, e tanto dados e análises quantitativos quanto qualitativos
<ul style="list-style-type: none"> • Usa essas práticas de pesquisa à medida que o pesquisador 	<ul style="list-style-type: none"> • Posiciona-se • Coleta significados dos participantes • Concentra-se em um conceito ou fenômeno único • Traz valores pessoais para o estudo • Estuda o contexto ou o ambiente dos participantes • Valida a precificação dos resultados • Faz interpretações dos dados • Cria uma agenda para mudança ou reforma • Colabora com os participantes 	<ul style="list-style-type: none"> • Testa ou verifica teorias ou explicações • Identifica variáveis para o estudo • Relaciona as variáveis em questões ou hipóteses • Observa e avalia as informações numericamente • Usa abordagens não tendenciosas • Emprega procedimentos estatísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Coleta tanto dados quantitativos quanto qualitativos • Desenvolve uma justificativa para a combinação • Integra os dados de diferentes estágios da investigação • Apresenta quadros visuais dos procedimentos do estudo • Emprega as práticas tanto da pesquisa qualitativa quanto da quantitativa

- Abordagem *qualitativa* – Concepção construtivista, modelo etnográfico e observação do comportamento

Nessa situação, o pesquisador procura estabelecer o significado de um fenômeno a partir dos pontos de vista dos participantes. Isso significa identificar o grupo que compartilha uma cultura e estudar como ele desenvolve padrões compartilhados de comportamento no decorrer do tempo (isso é, etnografia). Um dos principais elementos da coleta de dados

dessa maneira é observar os comportamentos dos participantes engajando-se em suas atividades.

- Abordagem *qualitativa* – Concepção participativa, modelo narrativo e entrevista aberta

Para esse estudo, o investigador procura examinar uma questão relacionada à opressão dos indivíduos. São coletadas histórias sobre a opressão do indivíduo usando uma abordagem narrativa. Os indivíduos são entrevistados com uma certa profundidade para determinar como experimentaram a opressão pessoalmente.

- Abordagem de *métodos mistos* – Concepção pragmática, coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos.

O pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema da pesquisa. O estudo começa com um levantamento amplo para generalizar os resultados para uma população e depois, em uma segunda fase, concentra-se em entrevistas qualitativas abertas visando a coletar pontos de vista detalhados dos participantes.

CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA

Dada a possibilidade das abordagens qualitativas, quantitativas ou de métodos mistos, quais fatores afetam a escolha de uma abordagem sobre outra para o projeto de uma proposta? Além da concepção, da estratégia e dos métodos, estariam o problema de pesquisa, as experiências pessoais do pesquisador e o(s) público(s) para o qual o relatório será redigido.

O problema de pesquisa

Um problema de pesquisa, mais detalhadamente discutido no Capítulo 5, é uma questão ou uma preocupação que precisa ser tratada (p. ex., a questão da discriminação racial). Alguns tipos de problemas de pesquisa social requerem abordagens específicas. Por exemplo, se o problema requer (a) a identificação de fatores que influenciam um resultado, (b) a utilidade de uma intervenção ou (c) o entendimento dos melhores preditores de resultados, então uma abordagem quantitativa é melhor. Essa é também a melhor abordagem a ser utilizada para testar uma teoria ou uma explicação.

Por outro lado, se um conceito de fenômeno precisa ser entendido porque pouca pesquisa foi realizada a respeito, então ele merece uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa é exploratória e conveniente quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a serem examinadas. Esse tipo de abordagem pode ser necessária porque o tópico é novo, porque o tópico nunca foi tratado com uma determinada amostra ou grupo de pessoas e porque as teorias existentes não se aplicam à amostra ou ao grupo particular que está sendo estudado (Morse, 1991).

Um projeto de métodos mistos é útil quando a abordagem quantitativa ou qualitativa em si é inadequada para um bom entendimento de um problema de pesquisa, ou quando os potenciais da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa não conseguem proporcionar o melhor entendimento. Por exemplo, um pesquisador pode querer generalizar os resultados para uma população e também desenvolver uma visão detalhada do significado de um fenômeno ou de um conceito para os indivíduos. Nessa pesquisa, o investigador primeiro realiza uma exploração geral para saber quais variáveis estudar e depois estuda essas variáveis com uma amostra maior de indivíduos. Como alternativa, os pesquisadores podem primeiro levantar um grande número de indivíduos e depois acompanhar alguns participantes com o intuito de obter sua linguagem e suas expressões específicas sobre o tópico. Nessas situações, mostra-se vantajoso coletar tanto dados quantitativos fechados quanto dados qualitativos abertos.

Experiências pessoais

O treinamento e as experiências pessoais do próprio pesquisador também influenciam sua escolha da abordagem. Um indivíduo treinado em escrita técnica e científica, em estatística e programas de estatística computadorizados e que também seja familiarizado com as publicações de natureza quantitativa teria uma maior probabilidade de escolher um projeto quantitativo. Por outro lado, os indivíduos que gostam de escrever de uma maneira literária ou de realizar entrevistas pessoais ou, ainda, de realizar observações de perto, podem preferir a abordagem qualitativa. O pesquisador de métodos mistos é um indivíduo familiarizado com a pesquisa quantitativa e com a pesquisa qualitativa. Além disso, também tem o tempo e os recursos para coletar tanto dados quantitativos quanto qualitativos, bem como os meios para a realização de estudos de métodos mistos, os quais tendem a ter um amplo escopo.

Como os estudos quantitativos são o modo tradicional de pesquisa, existem para eles procedimentos e regras criteriosamente elaborados. Os pesquisadores podem se sentir mais à vontade com os procedimentos extremamente sistemáticos da pesquisa quantitativa. Além disso, para alguns indivíduos, pode ser desconfortável desafiar as abordagens aceitas entre alguns docentes utilizando abordagens qualitativas e reivindicatórias/participatórias para a investigação. Por outro lado, as abordagens qualitativas abrem espaço para a inovação e para trabalhar mais dentro das estruturas planejadas pelo pesquisador. Elas permitem uma escrita mais criativa, em estilo literário, uma forma que os indivíduos, podem gostar de usar. Para os escritores que preferem a abordagem reivindicatória/participatória, há, sem dúvida, um forte estímulo para escolher tópicos de interesse pessoal – questões que se relacionem a pessoas marginalizadas e a um interesse em criar uma melhor sociedade para elas e para todos.

Para o pesquisador de métodos mistos, o projeto vai requerer um tempo extra, devido à necessidade de coletar e de analisar dados quantitativos e qualitativos. Isso se ajusta a uma pessoa que goste tanto da estrutura da pesquisa quantitativa quanto da flexibilidade da investigação qualitativa.

Público

Finalmente, os pesquisadores são sensíveis ao público para quem relatam sua pesquisa. Esse público pode ser composto de editores de periódicos, leitores de revistas, comitês de estudantes de pós-graduação, participantes de conferências ou colegas da sua área. Os estudantes devem considerar as abordagens normalmente preferidas e usadas por seus orientadores. As experiências desses públicos com os estudos quantitativos, qualitativos ou de métodos mistos podem moldar a tomada de decisão em relação a essa escolha.

RESUMO

Ao planejar um projeto de pesquisa, os pesquisadores precisam identificar se empregarão um projeto qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos. Esse projeto se baseia em unir uma concepção ou as suposições sobre pesquisa, as estratégias de investigação específicas e os métodos de pesquisa. As decisões sobre a escolha de um projeto também são influenciadas pelo problema de pesquisa ou pela questão que está sendo

estudada, pelas experiências pessoais do pesquisador e pelo público para a qual o pesquisador escreve.

Exercícios de Redação

1. Identifique uma questão de pesquisa em um artigo de periódico e discuta qual projeto seria o melhor para estudar a questão e por quê.
2. Escolha um tópico que gostaria de estudar e, utilizando as quatro combinações de concepções, estratégias de investigação e métodos de pesquisa apresentadas na Figura 1.1, discuta um projeto que reúna concepção, estratégias e métodos. Identifique se essa seria uma pesquisa quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos.
3. O que distingue um estudo quantitativo de um estudo qualitativo? Mencione três características.

LEITURAS ADICIONAIS

Cherryholmes, C. H. (1992, agosto-setembro). “Notes on pragmatism and scientific realism”. *Educational Researcher*, **14**, 13-17.

Cleo Cherryholmes discute o pragmatismo enquanto perspectiva contrastante do realismo científico. O ponto forte desse artigo são as numerosas citações de escritores sobre o pragmatismo e um esclarecimento de uma versão do pragmatismo. A versão de Cherryholmes indica que o pragmatismo é direcionado por consequências antecipadas, pela relutância em contar uma história verdadeira, e pela adoção da ideia de que há um mundo externo independente de nossas mentes. Também estão incluídas nesse artigo muitas referências a escritores históricos e recentes sobre o pragmatismo como uma postura filosófica.

Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Michael Crotty oferece uma estrutura útil para vincular as muitas questões epistemológicas, perspectivas teóricas, metodologia e métodos da pesquisa social. Ele inter-relaciona os quatro componentes do processo de pesquisa e mostra em uma tabela uma amostra representativa dos tópicos de cada componente, tais como o pós-modernismo, o feminismo, a indagação crítica, o interpretivismo, o construcionismo e o positivismo.

Kemmis, S. & Wilkinson, M. (1998). “Participatory action research and the study of practice”. Em B. Atweh, S. Kemmis & P. Weeks (Eds.), *Action research in practice: Partnerships for social justice in education* (p. 21-36). New York: Routledge.

Stephen Kemmis e Mervyn Wilkinson apresentam uma excelente visão geral da pesquisa participativa. Registram, em especial, as seis principais características dessa

abordagem da investigação e discutem como a pesquisa de ação é praticada nos níveis individual, social ou em ambos.

Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (2005). “Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences”. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln, *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., p. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage.

Yvonna Lincoln e Egon Guba apresentaram as crenças básicas dos cinco paradigmas da investigação alternativa na pesquisa de ciências sociais: positivista, pós-positivista, da teoria crítica, construtivista e participatório. Isso amplia a análise anterior apresentada na primeira e segunda edições do *Handbook*. Cada um é apresentado em termos da ontologia (isto é, natureza da realidade), da epistemologia (isto é, como sabemos o que sabemos) e da metodologia (isto é, o processo da pesquisa). O paradigma participatório acrescenta outro paradigma alternativo àqueles originalmente sugeridos na primeira edição. Após uma breve apresentação dessas cinco abordagens, eles as contrastam em termos de sete questões, como da natureza do conhecimento, como o conhecimento se acumula e dos critérios de excelência ou de qualidade.

Neuman, W. L. (2000). *Social research methods: Qualitative and quantitative approaches*. Boston: Allyn & Bacon.

Lawrence Neuman apresenta um texto abrangente sobre os métodos de pesquisa como introdução à pesquisa em ciências sociais. Especialmente útil no entendimento do significado alternativo da metodologia é o Capítulo 4, intitulado “Os Significados da Metodologia”, em que ele contrasta três metodologias – ciência social positivista, ciência social interpretativa e ciência social crítica – em termos de oito perguntas (p. ex., O que constitui uma explicação ou teoria da realidade social? O que parece uma boa evidência ou uma informação factual?)

Phillips, D. C. & Burbules, N. C. (2000). *Postpositivism and educational research*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

D. C. Phillips e Nicholas Burbules resumem as principais ideias do pensamento pós-positivista. Em dois capítulos, “O que é Pós-Positivismo?” e “Compromissos Filosóficos dos Pesquisadores Pós-Positivistas”, os autores apresentam importantes ideias sobre o pós-positivismo, especialmente aquelas que o diferenciam do positivismo. Isso inclui saber que o conhecimento humano é mais conjectural do que incontestável, e que nossas justificativas para o conhecimento podem ser extraídas de novas investigações.